

FESTAS NICOLINAS DE 1910

(4.^a parte do programma geral)

BANDO ESCOLASTICO

Recitado pelo alumno de 5.^a classe

Manoel Joaquim da Silva

EM 5 DE DEZEMBRO

O' Deusa fabulosa da Sabedoria,
Chegou, uma vez mais, o teu solemne dia!
Somos dos filhos teus talvez os mais dilectos,
Sendo esse amor herdado dos avós nos netos
Sempre firme e leal, como um amor de mães,
Desde que na briosa e lusa Guimarães
Promovem esta festa os moços estudantes.
O que ella agora é, para o que fôra d'antes,
Enche de piedade os ternos corações
Não affeitos ainda a taes desillusões!
Mas postoque perdeu esse brilho d'outr'ora,
Façamo-la outra vez, para lembra-la agora...
Consola recordar tudo o que faz saudade:
Recordemos da festa a sua mocidade
Cheia de risos, côr, a festa nicolina
Que de luto vestiu como a nossa batina.
Tende tudo a morrer de dia para dia,
Tal como aconteceu á velha monarchia
Que aqui tivera o Berço, em tempos já remotos,
E depois de assistir a guerras, terremotos
De luctas sociaes—a inexperada sorte,
Arrebatadamente, a fez cair de morte!

O' povo de Lisboa, ó povo heroico e nobre,
Que querendo equalar o rico com o pobre,
Calcando tradições, rasgando pergaminhos;
Dando um golpe mortal n'essa canção d'aminhos
De vil hypocrisia e velhos preconceitos;
—Assim reconquistaste os lidos direitos,
Levando o guião novo ao hombro pelas ruas,
Ao som da «Portuguesa», entre as espadas nuas,
Na apothese immensa e unanime de gloria
Feita de mil canções e gritos de victoria!

Soldados infieis, de braço corajoso,
Que fosteis combater c'o povo revoltoso
Depondo-lhes nas mãos as proprias espingardas,
O olhar altivo, o peito a arder, rotas as fardas,
Expondo-vos á morte, entre brados de *avante!*
Para que não morresse a patria agonisante!
Intrepidos heroes! perante vós me inclino;
Salvastes Portugal, abrindo-lhe um destino
De Liberdade, Amor, de Paz e de Justiça.
Hoje podeis juncar a gloriosa lica
Com ramos d'oliveira e coróas de louro,
Pondo 5 d'outubro em grandes letras d'ouro!

Preito a Miguel Bombarda e Candido dos Reis,
Victimas a quem vós jámais olvidareis,
Pois a sua palavra encorajara tantos
A luctarem ao pé de Machado dos Santos.

Guimarães, nossa terra amada de poetas,
Sê-lo-has, dentro em breve, um modelo d'esthetas,
Deleitando passar, em ti, alguns momentos
A' sombra dos jardins, olhando os monumentos.
A camara actual, pelo novo regimen,
Ha-de modificar-te, ó Guimarães, n'um eden!
Vae mandar arrazar o burgo infeto e velho,
Prolongando a cidade até ao rio Selho,
Onde se elevará uma soberba ponte
Cujo nome será—da *Maria da Fonte*...
E o celebre jardim, jardim estylo *Imperio*,
Que o forasteiro julga ser um cemiterio,
Quando d'elle não reste o minimo vestigio,
Muda-se o D. Affonso, de barrete phrygio...
Toda republicana e toda democrata,
Talvez te desconheça a gente aristocrata!

O' conterraneos meus, vou dar-vos um conselho...
Deveis-vos insurgir por tudo que fôr velho,
Anachronico; ireis a par da Evolução
Que os tempos acompanha, escrava da razão.
E pois que despontou uma risonha aurora,
Abraçae-a, a cantar, por essa vida fóra,
—Que os mais felizes são os que adoram a vida;
Caminhando atravez d'essa estrada florida,
Com sorrisos na bocca e lagrimas nos olhos,
Sem ferirdes os pés nos ramos dos abrolhos...

Pedantes do commercio, em côco e fato preto,
Meu governo tambem vos faz hoje um decreto:
Querendo usar da vossa herculea e agil destra,
Podereis tomar parte activa em nossa orchestra,
C'o a clausula, porem, p'ra eu não ficar mouco,
De tocades zabumba no chapeo de côco...
Mas não vos envaideça, em ares petulantes,
Ceder-vos um logar ao pé dos estudantes;
Tomae um ar modesto indo no nosso Bando,
Como quem vae mandado e não quem vae mandardo,
Porque em nos offendendo alguma zombaria
Bem podeis esperar, de balde, p'la amnistia...

Raparigas humildes e de pé descalço,
Ai quantas vezes, quantas, vou no vosso encalço,
Em promessas d'amor fiado e enlouquecido,
Para vos segredar juntinho do ouvido,
E vós fugis, fugis... nem uma só, de tantas,
Deixou de me fugir! ai quantas vezes, quantas!
Não ensinam a amar nossos livros d'estudo;
Na materia do amor, o amor é sempre mudo
A's fallas da sciencia, e só ao sentimento
Attende com carinho e desvanecimento.
Borboletas da rua, ó frescas raparigas,
Que passaes descantando amorosas cantigas
Quando á tarde desceis as duas avenidas
Em bandos joviaes, alegres, divertidas:
Cantae, cantae, cantae, porque esta vida é boa
Levando-se a cantar e a rir assim á toa...
Mas qual é a razão porque nos desprezaes
Se nós vos estimamos e queremos mais
Que ao latim, ao francez, á fria mathematica,
A's sciencias naturaes e ás regras da grammatica?...
O nosso orgulho, emfim, vosso desprezo torce-o:
Não vos intimideis com a lei do divorcio...

Como a fabula reza que da branca espuma
Do mar nascera Venus, e que Deusa alguma
Possuia da belleza as formas immortaes
Que entre os Deuses do Olympo suscitou rivaes:
—Assim, damas gentis, de cabelleiras brunas,
Conjugaes na elegancia esguia das columnas,
A brancura da espuma alvissima dos mares,
Transparente e ideal como os gelos polares.
Ah como o vosso olhar nos allimia a alma,
Dando á triste bohemia umas horas de calma
Douradas de esperanças, illusões e sonhos!
Que importa atravessar os desertos medonhos
Tornando-vos a vêr, rosas de todo o anno!...
Supportamos a dôr, soffre se o desengano,
Depois de ter amado, amamos outra vez,
Desejando morrer aos vossos pés, talvez...
Não nos abandoneis: se nós sacrificarmos
A vida alguma vez, é só por vos amarmos.
Cada sorriso vosso é uma flôr de chimera;
Sorri todas, a vêr se volta a primavera!
Sorri todas, sorri, p'ra eu vêr desabrochar
Cravos, dhalias, jasmims e rosas de cheirar
Nos canteiros de neve orlando a vossa bocca,
Ai para vos amar como esta vida é pouca!

Soldados infieis á velha monarchia,
Atordoae o ar com mais fuzilaria,
N'um hymno sem compasso, um hymno á Liberdade,
Rompendo triumphal!

Saude e Fraternidade.

Jeronymo d'Almeida.